

---

## Em Mim Também

Era ele de uma quase infinita solidão. Chegava em casa escutando o vento, como se o assobio que a inclinação da aroeira gerava ao formar uma espécie de palheta com o muro de sua casa fosse a melhor música de todo final de tarde. Seus assos tranquilos, mas inconstantes devido ao cansaço, eram à prova de ritmo, construindo uma desorganizada música concreta. Ainda mais quando, ao longe, escutava-se os apressados ônibus chegando à garagem e bufando como bovinos que afastam as moscas de suas narinas.

O portão de entrada rangia, precisava de umas gotas de óleo. Nada que uma rápida ida ao armário da esquina não resolvesse. Nem era caro. Mas ele parecia se encantar com aquele soar. Era o agudo que faltava para o contraponto da voz do vento, pensava. Às vezes, abria o portão bem devagar, simulando uma semibreve fermatizada. Outras vezes, abria em quatro partes, como se tentasse imitar as batidas na porta do destino da quinta sinfonia de Beethoven. Ele sabia que errava sempre na última nota. O velho portão não saberia descer a terça maior necessária.

Ele sorria. Era um músico discreto, apesar de relativamente excêntrico – o que se notava por sua mania de repetir os cantos dos passarinhos com os assobios mais vergonhosos. Sempre. Deitado prestes a dormir, em pé dentro de um ônibus lotado, conversando em um Bach consigo.

Não era tão discreto assim. Não conseguia escutar tango sem dançar com sua sombra, tagarelava aos cântaros, escrevia letras para músicas que não seriam compostas, faxinava a casa ao som das bandas mais esquizofrênicas possíveis. Para relaxar, deitava no sofá da sala e fazia as mais variadas equações mentais. As contas iam desde as horas que faltavam para o antigripal fazer efeito ao cálculo da inflação em seu país durante os anos de golpe de estado. O resultado era sempre o mesmo.

Pouco se lembrava do que sonhava. Às vezes, seu passado lhe assombrava e ele acordava assustado com os raios de sol que entravam pelas frestas da janela de madeira. Amanhecera mais rápido do que o previsto. Seu trabalho o chamava, mas ele não se apressava. Sabia exatamente o tempo que levaria até chegar. Calculando com os prováveis atrasados. Levantava, fazia suco, geralmente de caju, e tomava sem açúcar. *In natura* mesmo. O cheiro de caju que saía da cozinha e tomava conta da casa era mais ruidoso do que os passos apressados dos vizinhos pela rua. Aquele cheiro era tão reconfortante que, de fato, tornava-se o baixo contínuo de sua música concreta. Uma música concreta tão barroca que era expressivamente mais dramática. Um novo prelúdio bem temperado a cada manhã.

Sabia ele que revolucionaria as artes se pusesse em prática aquela formação. Aroeira, portão, passos, bufar de ônibus, passarinhos, tango, esquizofrenia e cheiro de caju. Os anais acadêmicos não alcançariam aquela grade de câmara. Era como se ele unisse a música impensada dos primeiros humanos à maquinaria da contemporaneidade e liquidificasse essa união com o silêncio do dormir e a viscosidade das folhas de um cajueiro.

1

Pensava em sua sinfônica musicalidade sinestésica cada vez que fechava os olhos acordado dentro do ônibus. Às vezes o bufar do motor, às vezes as aroeiras que balançavam lá fora, acenando, pareciam pedir bis para a música que tocava em seus fones de ouvido.

Era hora de ele descer. Esgueirava-se por baixo dos galhos de braços e troncos humanos de diversos formatos e origens. Como suor, escorria por baixo de axilas. O motorista ameaçava partir. Não ia dar tempo.

O ônibus partira. Ele desceria na parada seguinte.

Voltou andando, admirando aquela paisagem urbana de sempre. O cheiro de caju ainda tentava se sublimar dos neuroreceptores do seu olfato. Seus passos eram lentos. Nos fones de ouvido, a música parecia lamentar seu atraso. As batidas de Beethoven transformavam-se no Pássaro de Fogo, de Stravinsky, justamente no momento em que um galo-de-campina pousara na aroeira ao seu lado esquerdo. Quisera ele perceber aquela coincidente mudança. Por outro lado, sua visão era certa. Aquela ave pequena de cabeça vermelha, que surgira em sua visão periférica, ilustrava com delicadeza absoluta o balé russo. Enquanto isso, as folhas mortas ao chão levantavam voo com a passagem de uma breve ventania circular, um tímido tufão. Elas bailavam em uma translação microcósica. Enquanto isso, os graves dos contrabaixos retumbavam nos fones. Ele sentira aquilo ao mesmo momento em que as folhas recaíam, como que aceitando uma gravidade semântica intersignificativa. O tufão se desfez.

Ele atravessara a rua. Chegava, enfim, ao seu destino diário, antes mesmo do que seu cálculo de atraso inicial. Respirou fundo, empurrou a porta de vidro que dava entrada ao rol da Escola de Música e gesticulou com a cabeça para o segurança que retribuiu dizendo algo. Ele sorriu. Cumprimentou alguns alunos que estavam por ali, justamente em um cacofônico estudo de contrabaixo. De perto, encostou a mão em um dos instrumentos e, no mesmo instante, encaminhou sua outra mão para a cravelha da corda lá. Sorrindo, passou para o microafinador da mesma corda e, após parecer satisfeito, ainda girou milimetricamente o microafinador da corda mi. O aluno sorriu agradecido.

Um galo-de-campina pousara na beira da única e alta janela do rol, talvez fosse o mesmo, talvez estivesse seguindo o fio de som do primo de fogo que escapava dos fones. Talvez só quisesse umas migalhas da empada que um flautista comia com satisfação sentado em um banquinho enquanto fazia uma leitura métrica da partitura do Trenzinho Caipira.

Saindo do rol, entrou no primeiro corredor à sua direita. Retirou uma chave do bolso esquerdo do blazer e abriu a primeira porta que ficava também à direita. Entrou na sala, sentou em uma cadeira de madeira em frente a um armário, abriu as portas desse armário e, em um movimento quase que sincronizado com a barra dupla do balé de Stravinsky, retirou os fones de ouvido e guardou ali. Para a primeira aula do semestre, ele decidiu, não levaria material.

Sem os fones e sentindo as últimas moléculas de caju em suas papilas gustativas, saiu da sala, voltando a trancá-la. Encaminhou-se até o rol, reencontrando a visível cacofonia, e seguiu para um

2

corredor próximo à porta de vidro de entrada. Olhou em seu relógio e percebeu que estava cinco minutos atrasado. Apressou os passos. Caminhou até a última sala à esquerda.

Em frente à porta, bateu como se reproduzisse as batidas do destino da quinta sinfonia de Beethoven, como fazia em seu portão de casa. Da mesma forma, sabia ele que não conseguia descer a terça maior necessária para a última batida, o que lhe frustrava. Entrou. A sala estava cheia. A turma de calouros parecia estar ansiosa. Olhavam para ele como que esperando as primeiras e desvirginadoras instruções.

Ele sorriu para todos. Cumprimentou-os com seu costureiro aceno de cabeça, foi até o quadro branco e pegou o marcador preto. Sem pressa e com uma letra tão legível quanto a harmonia renascentista de Palestrina, escreveu: *Isso pode ser música?*

Os alunos se entreolharam confusos. Ele sorriu. Sabia que a música pressupunha audição, mas sempre esperava alguma resposta diferente. Por alguns minutos, vivia no intenso contato da primeira aula.

No fundo da sala, uma moça se levantou. Caminhou até o professor e, sorrindo ao olhar em seus olhos, levou as mãos aos ouvidos. Delicadamente, retirou seu aparelho auditivo e colocou-o em cima do birô. Ele pegou o marcador preto e entregou a ela. Ela aceitou, foi até o quadro branco e, logo após apagar a interrogação com um dedo, escreveu: *em mim também*.

Mais nada acontecia.

\* \* \*

Aquilo se repetia todos os dias. Nas salas brancas e acolhoadas de seu lar, ele recriava um futuro paralelo. Mas o café da manhã sempre tinha suco de caju. Através de sua janela de grossos vidros, ele via aroeiras acenando. As grades de entrada para seu quarto pareciam musicalmente enferrujadas. No refeitório a céu aberto, às vezes, pousava um cabeça-vermelha para abocanhar as migalhas que caíam. Na verdade, talvez fosse um pombo perdido. Ele não conseguia discernir com tanta facilidade. A fila, inclusive, para ser servido, era uma balbúrdia. E o calor era escorregadio. Ele, já muito magro, deixava de almoçar repetidamente por não conseguir retribuir os empurrões. E até dormia em pé, cansado, derrubando sua bandeja no chão.

No fim do dia, sentava na cama. Quando era primavera, enxergava a música de Vivaldi homônima à estação lá fora, através das grossas janelas de vidro. Por ali, via um terminal de ônibus. E sempre percebia os solavancos das freadas repentinas das últimas corridas, quando os motoristas desejavam correr para suas casas. Muitas vezes, pegava uma das cores dos gizos de cera que ficavam em um cantinho do quarto e escrevia nas paredes versos que, ele sabia, jamais seriam musicados.

Logo, uma moça de branco entrava em seu quarto. Ela trazia consigo uma seringa e dois pequenos frascos. Ele sorria para ela enquanto ela preparava uma solução misturando os líquidos dos frascos. Ela produzia, sem querer, uma dança objetual ao chacoalhar rapidamente e misturar as duas cores

3

líquidas em uma só. Ele, por sua vez, ia mais longe: imaginava um casal inter-racial em uma dança esquizofrênica pela sobrevivência. Algo como um sexo que, com lascívia, resultaria em uma correnteza sanguínea de outro ser.

Então, ele repetia um ritual muito pessoal: tentava assobiar um tango de Piazzolla, procurando não repetir a escolha, e, em libras, perguntava sorrindo: *Isso vai doer?*

Ela havia aprendido a se comunicar com ele. Na mesma língua, respondia retribuindo o sorriso: *em mim também*.

E ele dormia fazendo contas que iam desde as horas que faltavam para a solução dançarina injetada fazer efeito ao tempo que passara desde que uma bomba explodira ao seu lado, quando atravessava a rua em meio a uma manifestação durante os anos de golpe de estado para ir dar aula de percepção musical.

E ele dormia, preparando a mesma aula para o dia seguinte.